

“MARIA SEM VERGONHA”: HISTÓRIAS SOBRE O ENSINO DE AFRICANIDADES



<https://doi.org/10.22533/at.ed.8011425090512>

Data de aceite: 26/08/2025

Adriane Pesovento

Cléo G. Viana

Nágila Nerval Chaves

Nelbi Alves da Cruz

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo problematizar e evidenciar possibilidades sobre o ensino de história da África com base na utilização de obras literárias que versam sobre o continente e africanidades. O texto em certa medida é antropomórfico, adota um elemento natural e a autoria se reinventa na docência do ensino superior. O viés metodológico adotado corresponde a pesquisa-ação, pois permite que o investigador se insira na pesquisa enfrentando os desafios e possibilidades quanto ao assunto estudado, o que inaugura tentativas de pesquisar toda a prática, neste caso a docente. Os autores que dialogam com a pesquisa são muitos, chamamos a atenção para Mia Couto, Agualusa e Tripp (2019), no campo metodológico. A utilização de literatura nas aulas de componentes curriculares diversos não é novidade na seara teórica em

educação. Na prática enfrenta desafios, pois o tempo da leitura é raro para estudantes trabalhadores, a imersão em outras culturas é instigante e requer desprendimento de arcabouços e valores eurocentrados. Como resultado da pesquisa constatou-se que é possível romper fronteiras catedráticas, ao mesmo tempo que se produz resultados significativos na aprendizagem de história da África, em especial quando há o encontro entre ferramentas/instrumentos didático-pedagógicos diversos. Cabe mencionar também que os enredos e alegorias literárias por vezes causaram certo estranhamento, o que viabilizou a produção de pensamentos e reflexões sobre ser-estar no mundo a partir de lógicas que subvertem ordens interpretativas acerca do *passadopresente* ao oferecer outras lupas que ampliam horizontes. A pesquisa foi realizada no período de junho a dezembro de 2019 e contou com a colaboração dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ensino de História da África; Fronteiras entre literatura e história.

MARY WITHOUST SHAME: STORIES ABOUT TEACHING AFRICANITIES

ABSTRACT : This article aims to discuss and highlight possibilities about the teaching of African history based on the use of literary works on the continent and Africanities. The text is to an extent anthropomorphic adopts a natural element, and authorship reinvents itself in teaching in higher education. The methodological bias adopted corresponds to action research, as it allows the researcher to be inserted in the research facing the challenges and possibilities regarding the studied subject, which inaugurates attempts to research the whole practice, in this case, the teacher. The authors that dialogue, with the research, are many cast greater attention to Mia Couto, Agualusa and, Tripp (2019) in the methodological field. The use of literature in classes of various curricular components is not new in the theoretical field in education. In practice, it faces challenges, because reading time is rare for working students, immersion in other cultures is thought-provoking, and requires detachment from Eurocentralized frameworks and, values. As a partial result of the research, it was found that it is possible to break university boundaries while producing significant results in the learning of African history, especially when there is a meeting between various didactic-pedagogical tools/instruments. It is also worth mentioning that the literary plots and allegories sometimes caused some strangeness, which enabled the production of thoughts and reflections on being in the world from logics that subvert interpretative orders about the present past by offering other magnifying glasses that broaden horizons. The research was conducted from June to December 2019 and had the collaboration of students.

KEYWORDS: Education; The teaching of African History; Borders between literature and history



Fotografia 1

Fonte: Viana, Cléo. **Maria sem vergonha**. Migrantinópolis (RO), 2014.

INTRODUÇÃO

Maria Sem Vergonha, já nasceu se esparramando, um galhinho quebrado que às vezes nela doía um pouco, logo já virava outra Maria e algumas vezes José. Homens também viram flores sem perder a masculinidade. Em julho, mês de férias, ela já se preocupava com as “sem vergonhices” que faria nas suas aulas. Professora de semblante marcado pelo tempo, não fugia a regra de tantas outras ensinadoras que no miúdo tecem bordados infinitos, abandonam a tessitura e a retomam quando a vida, as emoções e o amor pedem. O fazer algumas vezes é agulhado para tentar imprimir nos panos do mundo as flores, ramos e arabescos, porém não é possível fugir ao rasgar que agulha opera no tecido. Educar é também processo de se rasgar de si com e para o outro.

No mesmo mês, correu até a livraria. Naquele dia ensolarado e quente de Cuiabá, numa livraria chique e cara, contudo, uma das únicas da cidade, não quis ver enfeites, nem cadernos, canetas ou lápis, procurava desesperadamente livros, afinal em tese essa seria a razão de tais lugares. As livrarias, na contramão do óbvio, às vezes estão sendo tomadas por enfeites que não decoram a estética do saber, apenas auto ajudam escritores *best sellers* a vender livros e de resto empurram apetrechos escolares de cores vibrantes e soberanas. Os visitantes-clientes por vezes desavisados, em alguns momentos caem no conto da cor pelo colorido ao comprar algumas inutilidades ao invés de ver o tempo de leitura que é paga¹.

Maria não se rendeu ao multicolor. Tinha propósito evidente. Livros de literatura africana. Estava a pescar em uma livraria. Lançava o anzol para um autor ou autora, buscava nas letras outros sentidos para a história. Via a fronteira como tênue e necessária. Uma fronteira que pode deixar de sê-la ao desenhar histórias pelas lentes dos leitores que misturam tudo, personagens, eu lírico, geografia, mitologia e cosmovisões, margeadas por porções de afetos.

Muitas obras ela encontrou, mas nunca o suficiente, como não poderia deixar de ser quando o assunto é África. Não tão satisfeita com suas limitações orçamentárias e intelectuais, saiu da loja, carregando alguns quilos de páginas e toneladas de letras que narram outro mundo, afinal, África é isso, sempre outra coisa.

A flor Maria Sem Vergonha às vezes é chamada de beijo de frade, beijo turco ou beijo sultana, é planta que no mundo além de África ganhou o nome de Maria Desavergonhada², a professora de além-mar (terra Brasil), carrega o nome, não no registro, mas consigo. É beijo inventado no cotidiano, não de boca. Beijo de afeto pelo mundo, para e com estudantes que precisam do afago e afeto tão negado em espaços escolares.

1 Cabe mencionar que a busca por livraria em detrimento de biblioteca pública ocorreu em virtude de que a biblioteca da Universidade não dispõe de acervo que atenda a demanda do componente curricular, especialmente quando dialoga com literatura de matriz afro brasileira.

2 Essa espécie de flor é originária da África e foi levada como tantas outras para lugares distintos, inclusive para o Brasil e, em especial, para Rondônia amazônica.

A mulher-flor tenta por touceiras ou sementes esparramar-se e abraçar a negritude de pessoas e às vezes se despetala com as incoerências e absurdos cometidos contra grupos étnicos africanos, chamados genericamente de negros. O beijo não é dado, ele apenas existe na antropomorfia de ser-estar no mundo como flor.

As aulas começam, antes delas foram enviados os livros. Lançados pelo mundo virtual àqueles que sonham aprender e se dedicam a decifrar suas palavras impressas em papel. Elas são doces, plurais, diversas, subversivas, mas também sanguinárias que podem ser violentas e dolorosas. Quando África encontra o ocidente, quando o ocidente explora África, outra invenção é feita. Dessas invenções filtradas pelos olhos estudantis a professora Maria Sem Vergonha procura sentido para suas inquietações, de quem tem consciência que nunca sabe o suficiente, afinal parece que o suficiente também não existe. Há tanto respeito por África que considera quase heresia lecionar sobre esse lugar que é “planeta” se pensar suas histórias e pluralidade. Resta-lhe a rendição a ele.

*Impatiens*³ é seu nome científico, da flor e o qual nesse momento a professora se auto denomina, significa que tem pressa e não pode esperar. A África é urgente para a história do Brasil. A professora não pode esperar. A flor não quer esperar, pois sua natureza é de se esparramar. Na contradição do existir e viver, África ensina que o tempo é outro e mostra outras temporalidades na vida cotidiana, mas o que é urgente é conhecer inclusive outras relações com o tempo.

AFRICANIDADES EM AÇÃO: DOCÊNCIA, HISTÓRIA E LITERATURA

Na atualidade o continente africano possui 54 (cinquenta e quatro) Estados Independentes e compõe 27% dos membros das Nações Unidas, sua baixa densidade demográfica é expressiva frente aos colossais recursos naturais. Durante o século XIX sua posição geopolítica fez dela o centro da corrida imperialista e no século XX, também espaço de disputa nos conflitos da Guerra Fria, de acordo com Visentine; Ribeiro; Pereira (2012). Grande esforço tem sido empreendido nos anos dois mil, com o fito de superar a concepção pessimista dos anos 80 e 90 no que tange às populações africanas.

É salutar pensar que no interior do continente houve grande processo migratório, territorialmente amplo e cronologicamente longo, primeiro de leste a oeste e depois sentido inverso, por fim rumo ao sul. Ainda são ignoradas as formações de grandes reinos e impérios, algo que precisa ser (re)contado às crianças e jovens das escolas, assim como nas universidades, com vistas a superar perspectivas que não correspondem ao passado africano. Não há cristalização de culturas, muito menos quando o assunto é África. A dinâmica que move qualquer cultura humana, também opera lá. São centenas de grupos étnicos. Assim, vale ressaltar que impérios africanos não representavam exatamente

3 Um termo que reúne diversas espécies divididas em 02 gêneros. Uma variação é a *Impatiens Valeriana* popularmente conhecida como Maria Sem Vergonha

entidades territoriais com fronteiras definidas como na Europa, apesar de uma quantidade limitada de ruínas arquitetônicas. (Visentine; Ribeiro; Pereira, 2012).

A baixa densidade demográfica em algumas localidades é superada em outras, dependendo da atividade urbana, geografia (rios) e possibilidades de empregabilidade. A densidade não se explica de modo superficial, apenas, os noticiários com suas imagens produzidas à luz do exótico ou do exagero fornecem informações à maioria da população do mundo, algo que leva a percepções equivocadas sobre África. Quanto a dimensão linguística e de multiplicidades de línguas, Visentine; Ribeiro; Paula (2012), indicam que há mais de seis mil línguas no continente, algo quase impensável em outros lugares, o que por si só já denota a riqueza cultural dos povos africanos.

Aos poucos África está deixando de ser objeto para tornar-se sujeito da história e a literatura tem contribuído muito para isso.

Palavras sobre a Pesquisa-Ação: entre livros, estudantes e história da África

No decorrer do processo investigativo optou-se pela metodologia que pudesse colaborar com a pesquisa de modo a torná-la significativa quanto aos resultados desejados, não no sentido mecânico do termo, mas compreendendo que o ato pedagógico é ato de estudo sempre e que é significativo refletir sobre ele e investigá-lo, na medida em que os processos educativos são construídos. Concorde-se com a versão de que não há professor que não seja um pesquisador. Assim, optou-se por adotar elementos metodológicos da pesquisa-ação, de acordo com autores que discutem o assunto, entre eles Tripp (2019, p. 445), “A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Tendo em mente o feixe argumentativo acima, destaco que as aulas começaram, em um, entre tantos outros agostos. O gosto doce e amargo explora a boca e a língua da docente, as doçuras do saber e os amargos do desconhecido. Os opostos se enfrentam no tabuleiro que educadores inventam para si e ao trabalhar e lidar com os discentes.

As visitas livres por histórias de África começam. Vários textos, um slide aqui, uma imagem ali, uma correção acolá, um engano cometido. Palavras e palavras. Gigantes que saem da cabeça e sonham e imaginam outro mundo de histórias tão diferentes que sequer conseguimos espiar a fresta. Esforços múltiplos, dos estudantes e da Maria Sem Vergonha. O que ficou ela não sabe. Talvez nunca saberá e nem pretende. Deseja apenas a África estampada nas paredes do Brasil. Nos muros e murais, nas escolas, nos cabelos, na consumação de empoderar-se, devido a ancestralidade tão forte e marcante. Por vezes aparecida nos bisavós e tataravós de estudantes, com suas histórias abortadas em sonhos de liberdade, com resignação imposta ou resistência miúda na vida de ser afrodescendente.

A indignação é forte e se mostra entre os acadêmicos, a vontade de saber-poder mudar o mundo também os ganha. Estes são rendidos pelo não a indiferença. As aulas se passam. O tempo do relógio não se iguala ao tempo do conhecimento que precisa explodir internamente e depois serenar, no devir interpretativo da história.

O tempo de pacato chega e é momento de conhecer como Maria Sem Vergonha em sua estação de “pular cerca” se avizinhou em jardins próximos e até distantes. Se os muros foram extrapolados de alguma maneira. Se a literatura seduziu. E se outras flores saíram dos vasos plantados e se perderam em África sem controle. Sem medo, apenas permitindo-se adentrar espaços além dos vasos em que estão plantados (as).

Vejamos. Será que o solo se fez brotar? Se as cores e folhas bicolores renderam mudas e outras Marias Sem vergonha? Que colorido virá? Nunca se sabe. Apenas nota-se que o mundo não é incolor, ele tem matizes plurais e cada estudante tem a sua cor-flor, que é única. Nesse texto as narrativas estudantis são “furtadas”, então haverá muitas citações. Peço licença ao leitor. Que perdoe quem escreve, mas sem a letra e o pensamento estudantil o texto sequer existiria.

E como literatura, África é sempre outra coisa, assim destacou a acadêmica Lemos, (2019), admirada viu **A rainha Ginga**, viu uma mulher, uma africana reinando soberana “Me deixou intrigada ver que os homens naquela sala do palácio, que se reuniu separaram uma almofada banhada a ouro para Ginga se sentar [...] ela não tinha como tradição se sentar em um lugar mais de uma vez” destacou.

A obra narra a história de uma rainha Nizinga, Jinga, Zhingá, (ambuntu), entre outras formas de grafar, uma mulher que ofereceu forte resistência ao tráfico transatlântico, destaca-se, contudo, que o interesse dos portugueses em Angola não era, primordialmente os braços escravizados, mas também o ouro e a prata. Para manter-se soberana estabeleceu alianças com os Janga, casando-se com uma liderança desse grupo étnico. Governou por aproximadamente quarenta anos, mas essa história é pouco contada nos espaços escolares e em livros didáticos, Lemos (2019), se apropria da obra e a reinventa para mostrar ao mundo que outras questões de gênero não são anunciadas pela história oficial. Versões que marcam o passado africano e os interesses lusos quanto a abertura do corredor para a exploração de metais preciosos em Monomotapa (atual Zimbábue).

Eça de Queiroz veio visitar esse texto, pelas palavras de Soares (2019), em uma última carta, outra mulher Ana Olímpia, se desnuda para os historiadores. As tramas da vida cotidiana, de personagens ocultados ganha relevo na narrativa de Agualusa (2001), entre amores que também compõem o passado, separações, lutos e relações afetivas transcorre uma história de luta pela liberdade, no xadrez jogado com o propósito do exercício de poder, uma mulher transita entre Angola e Brasil, em meio ao tráfico, escravidão e resistência, personagens que se colocam a frente de seu tempo, lutam contra o fim da exploração humana e libertam pessoas. Não há na história, sistemas fechados, no miúdo, no cotidiano, na inventividade do fraco como aventa Certeau (2006), são outras tessituras e perspectivas e (re) existências no mundo.

A antropologia ensina Josés e Marias que as relações de parentesco estão muito além dos modelos patriarcais, monogâmicos e nucleados. As famílias são construídas de infinitas possibilidades, o relevo se faz pelo amor, afetos, obrigações ancestrais e/ou perspectivas econômicas de sobrevivência. Nessa trama, duas famílias se desencontram em meio aos caminhos de casa, que não é só uma, mas várias. Gyasi (2017), em seu livro mais conhecido, apresenta o mar como encontro, o mesmo que distanciou também ondulou histórias de que se encontraram nas espumas da praia. As “aldeias” africanas são palco inicial da construção narrativa que ao longo de “**A Caminho de Casa**” vão se afastando até chegar à América do Norte.

Do trabalho do/no campo africano com as singularidades étnicas, vai pelas correntes do trabalho forçado, metamorfoseando em trabalho escravo no além-mar atlântico. Nasceu o operário negro, a mulher que canta e é cantada pelo uso de substâncias tóxicas para aliviar suas dores. Se no século XIX, a escravidão acabou, a exploração não. Campos de algodão, cais, comércio, igrejas e trabalho doméstico entre outros. Todos enovelaram a existência afro-americana. A redenção no enredo da obra só chega por meio do acesso ao estudo, a escola e a universidade que se tornam espaços de libertação e reencontro de uma história de irmãs separadas na estrada colonizadora. Reinventadas as irmandades negras se deparam entre si, pode-se dizer que a história não termina, como as boas, deixa em aberto para o (a) leitor (a) imaginar onde quer chegar e sonhar outros finais.

Na obra, o detalhe de uma menina Axanti, de acordo com (Gyasi, 2017 apud Ataídes, 2019), ganha simpatia e sensibilidade interpretativa. A menina sentia-se amaldiçoada, já Ataídes a vê apenas naquilo que é: uma menina que se torna mulher, que carrega suas dores e alegrias.

A Argélia sobe ao palco por meio da obra de Frantz Fanon (1968). A França da revolução dos anos de mil e setecentos não hesitou em lograr êxitos financeiros, por meio do comércio, violência e exploração. Em **Os condenados da terra**, a jovem estudante Veríssimo apresenta seu espanto e certa satisfação com a rebeldia frente a injustiça contra uma nação “[...] o autor traz a violência que os argelinos sofreram pelos franceses durante a colonização, violência tanto física, quanto psicológica, enquanto os colonizados passavam fome, os colonizadores comiam do bom e do melhor às custas dos argelinos, e quando estes últimos percebem a força que tem, juntos começam a se organizar e criar partidos nacionalistas para lutar contra o governo opressivo da França [...]”, (Fanon, 1979 apud Veríssimo, 2019).

Nos contos não há um final ideal, a surpresa é parte constituinte da narrativa. O lírico ganha força em poucas páginas, com histórias/estórias que encantam, sobretudo pela novidade do comum não observado na ligeireza de existir. O mágico e espetacular vem de modo miúdo e vai estranhando o (a) leitor (a). (Couto, 2009 apud Viana, 2019), ensina sobre uma ficção que é de “gentes”, mas também, zoo-antropo-literária: “Toda trama foi construída em decorrência da morte da mãe de Nwanto, pois o pai Silvério, revoltado com

Deus por seu triste destino resolve mudar-se para um local onde não havia outras pessoas para se relacionar. O lugar foi batizado de Jesusalem e lá os personagens permanecem por longos oito anos [...] o autor trouxe questões acerca da religiosidade, pois Silvério acreditava que Jesus viria pedir desculpas para ele [...] o pai vivia em um mundo paralelo, onde cultuava a terra, as árvores, o céu, dentre outros. Silvério odiava as mulheres, porém, se relacionava ‘amorosamente’ com a jumenta Gezibela, chegando ao ponto de colocar gravata e sapatos para visitar sua amada, a qual sempre recebia um ramalhete de flores.

Luar de chão combina com Marias Sem Vergonha. São muitos os chãos em que ela nasce e o luar também é visível em quase todo o mundo. A planta de origem africana se esparrama, assim como seu o continente pai e mãe. Numa história é possível carregar um mundo. (Couto, 2003 apud Sementino, 2019), adentra o livro **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, por meio dele a religiosidade ou espiritualidade sopra as andanças de um menino chamado Mariano, personagem central se metamorfoseia em Marianinho e num só traçam linhas de trajetórias que promovem unimultiplicidade⁴ humana pelas letras do premiado autor moçambicano, Mia Couto.

Ao seguir os traços incomuns e originais do moçambicano Couto, **A confissão da leoa** (2012), foi eleita por dois estudantes como literatura de fronteira com o saber histórico. Suas imersões pessoais, contextuais e líricas são distintas, todavia, guardam uma interpretação do enredo em comum. (Couto, 2012 apud Vasconcelos, 2019), destaca que o livro “[...] nos mostra, por dois pontos de vistas diferentes, uma sucessão de eventos que tem como foco o vilarejo de Kulumani, no interior de Moçambique, onde uma sucessão de ataques de leões semeia o medo em seus habitantes”.

As ressignificações entre o mundo cristão e a espiritualidade/religião africana, encontram espaços para diálogos, embates e junções, vertendo outras perspectivas sobre relações metafísicas, Souza (2019). Elementos próprios da filosofia (seja de qualquer tradição, europeia, africana, asiática, americana) são atraídos por meio da literatura e ela se banha nesse universo, a história, por outro lado, com um rigor exagerado muitas vezes transforma em farelos e rastros os afetos. Entrecortada pela ainda latente “cientificidade”, da fonte, do método e pela abordagem, por vezes esquece figuras da história que não tem como ser corporificadas em documentos/fontes “[...] o medo, o amor, o trauma, a apatia e a revolta [...] no caso em tela “[...] mostrando que a vida de Kulumani não era somente assolada pelos leões, mas principalmente por uma cultura patriarcal severa, ou seja, mulheres caminham como se já estivessem mortas” (2019). Mariamar, Hanifa, Naftalinda, Gustavo e Genito bailam entre emoções e sentimentos, mergulhados entre ocidente e África, transitando entre o povo Macondes (origem banto)⁵. O mágico e o fantástico que são pouco estudados em teoria e metodologia da história, ganham relevo a partir de obras de literatura. Os elementos ficcionais como destaca Silva (2019, p. 01), estão presentes:

4 Canção que reúne o múltiplo e o singular em uma poética sobre o Brasil dos anos 2000 de autoria e interpretação do artista Tom Zé..

5 Kulumani, uma recriação do autor Mia Couto e na obra acima mencionada ele opera com mitos recriados e constrói um diálogo doloroso entre passado e presente (SANTOS, 2014).

[...] como por exemplo o fato dos seres humanos se transformarem em leões
[...] O imaginário segundo Ricouer é onde se faz o entrecruzamento da história e a ficção, portanto, trabalhar literatura para se pensar passado-presente é de uma carga muito rica de conhecimento, pois trás elementos que podemos problematizar sobre tempo, espaço e sujeito em que a obra se refere.

Adichie (2017), em sua obra apresenta versões de his (es) tórias e Lourenço, 2019, foi assertiva ao indicar que ao ler: “[...] vários contos, que viajam da Nigéria até os Estados Unidos sem sair de casa [...] em cada conto vivemos experiências diferentes e em cada minuto conhecemos pessoas novas [...]”.

A cena é da história e o palco se faz com literatura. Nesse entrecortado e “ajuntado” questões de gênero, raciais, sexuais e de violência também cruzam os caminhos dos leitores aprendizes, problemas enfrentados e apresentados por Okorafor (2014 *apud* Freitas, 2019), que encantada escreve sobre a personagem da obra **Quem teme a morte: Onye e a profecia**: “Ela tinha a capacidade de se locomover para um lugar e outro num piscar de olhos, tinham o dom⁶ da cura e de ressuscitar⁷”.

Negras Raízes: a saga de uma família americana, apresenta elementos culturais do povo Juffire. Esse grupo étnico encontra-se na República de Gambia, local colonizado pelos Britânicos e que só na década de 1960 conquistou a independência. Faz fronteira com o Senegal e possui extensão territorial pequena, sua savana compõe um bioma rico e que guarda características únicas. Entre as línguas faladas destaca-se inglês (oficial), Mandingo, Fulani, Ulof.

Nas miudezas da existência de uma família as personagens Omoro, Binta, Kunte e Dono tecem o enredo. A todo momento, página a página a obra lembra questões ligadas a ancestralidade africana, os percursos, o cotidiano e as lutas que são travadas quanto ao (re) existir na América do Norte. (Haley, 1976 *apud* Spert, 2019), indica que: Quando se volta ao tema escravidão o autor traz detalhes sobre o tráfico negreiro [...] o livro que se inicia com a linda história de um povo resistente a seca e também as temporadas de chuva, começa também a se tornar triste [...]. Na obra a escravidão não é esquecida, longe disso, o suor, o sangue, a violência e a fome são retratados com sensibilidade extrema. Assim, Sperte (2019, p.03), destaca em sua interpretação:

Quando nos deparamos com o estudo de África, tendemos a ir armados de pré-conceitos que foram enraizados em nosso imaginário pela colonização e tendemos a achar erroneamente que africanos foram escravizados por ser fracos e não civilizados, neste romance Hanley quebra esse pensamento e nos apresenta uma sociedade com técnicas agrícolas e de luta muito bem estabelecidas.

Em sua análise, Sperte evidencia as questões sobre subjetividades dos autores, tanto na escrita da história, quanto na literatura e nesse ponto não há conclusões precisas, pois, essa fronteira móvel entre autoria em qualquer narrativa ainda é campo de debates e fluidez, a exatidão parece não caber do modo que a ciência cartesiana deseja.

6 Grifo nosso

7 Grifo nosso

Ao retomar Mia Couto, lembramos a importância do romance histórico, narrativas em pequenas em extensões de textuais, todavia, profundos quanto ao propósito de aquisição e construção de conhecimento. Na obra **Mulheres de Cinza** várias histórias são reunidas e aparecem as cartas (treze), o autor rende atenção ao sul de Moçambique no final dos anos de mil e oitocentos, as diferenças entre os mundos luso e africano ganham corporeidade, ao fundo batalhas de uma guerra que assombrou seu país. A pujança do valor comunitário entre povos africanos apresenta-se numa pequena frase: [...] se alguém chegasse a envenenar o poço de água da região, todos ali morreriam [...] pois todos trabalhavam juntos. (Couto apud Gomes, 2019, p. 01). A natureza jamais é esquecida pelo biólogo moçambicano que se dedica as letras encharcadas de biologia, assim, no livro em tela a holística como ótica de mundo é ressaltada, os sinais não são desprezados e a fauna e flora interrompem o texto.

Em **Veneno de Deus, remédio do diabo**, a lógica ocidental interpretativa é colocada em último plano, ainda que o médico (ou doutor) tente curar seus pacientes à luz da medicina de jaleco branco, o senhor Bartolomeu sozinho não se rende a ela, ou se rende desejando o oposto ao juramento de Hipócrates (salvar e curar corpos e pessoas). A profilaxia que o morador da chamada Vila Cacimba deseja é outra. Quer um remédio para morrer, ou para matar a dor. Para não finalizar essa história marcante apresento um pequeno trecho extraído da construção narrativa do estudante Thiago Ribeiro (2019), “[...] o maior enfoque é no personagem português que conheceu uma moça em Portugal e após algum tempo ela misteriosamente desaparece e este jovem médico apaixonado vai a Moçambique em busca de seu amor, porém chegando a Vila encontra um povoado com um enorme surto de meningite’. Não se segue contando, pois Couto conta melhor.

O Império Transatlântico Português teorizado por Luiz Felipe de Alencastro em O trato dos viventes: formação do Brasil no atlântico sul, obra datada de 2000 é avizinado por **Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes**, três lugares e um interesse colonial ambientam a discussão sobre economia, exclusivo colonial, antigo regime e suas faces nas relações comerciais, Alencastro questiona inclusive a independência do Brasil, aqui não é objeto de atenção o assunto, mas cabe notar que Agualusa (2007), jornalista e romancista reconstrói o sistema colonial e dialoga com Brasil, Portugal e África, por meio das personagens e das correspondências com Eça de Queiroz. Para Souza (2019), o que chama a atenção no livro são os extremos que se distanciam geográfica e culturalmente e ao mesmo tempo se encontram por meio dos sujeitos da história.

Como as Marias Sem Vergonha não se encolhem em terra fértil e inclusive são capazes de recriar-se e sobreviver aos solos mais fracos, uma biografia foi incorporada a discussão. A escolha do acadêmico Maurílio do Nascimento Araújo não causou nenhum estranhamento, elegeu **Mariguella, o guerrilheiro que incendiou o mundo**, o estudante sempre teve postura crítica aos tempos de insensatez que vem sendo desenhado no Brasil pelas elites conservadoras que nos últimos anos tem ganhado espaço e exercido poder.

Se no passado conhecer esse guerrilheiro era importante para pensar o Brasil, hoje, mais do que antes ele é necessário, o protagonismo de um negro que criou outra estética na arte de fazer política merece ser conhecido e estudado. De acordo com Magalhães apud Araújo (2019, p.1-2), o militante:

[...] é autor de um manual de guerrilha, traduzido para mais de dez idiomas, durante sua militância teve como referências Luiz Carlos Prestes e Stalin. Conviveu com personalidades como Fidel Castro, Che Guevara, Lamarca, Jorge Amado dentre outros. Foi considerado inimigo número 1 do regime militar que o levou a morte em 1969.

Se a história abraça a literatura, também abraça as biografias. No caldeirão de possibilidades para o ensino de história da África e africanidades conhecer trajetórias de heróis negros, que se apropriaram das ferramentas do seu tempo e foram protagonistas de si, frente a injustiças é fundamental para de forma propositiva estimular a compreensão da consciência negra, para além da superficialidade da indústria de consumo e as espumas que desejam transformar os afrodescendentes em caricaturas de pessoas afeitas aos desejos de compra e venda de mercadorias, num mercado volátil e globalizado com sede de adquiridores de bens e não como sujeitos das próprias vidas. Talvez seja momento de retomar as vertentes críticas da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para não concluir, destaco que as obras lidas pelos discentes e professores, são indiciárias e esperamos que elas possam indicar caminhos, proporcionar versões de alteridade em relação ao que é diverso à nossa cultura, e, especialmente conhecer a história, por meio de filtros plurais e mais completos em termos de contextualização. O dia a dia das pessoas, personagens que vão além daqueles eurocentrados e uma perspectiva do passado visto de “baixo”, olhando o povo, o cidadão comum, os (in) visibilizados que deixam suas marcas, mas que muitas vezes não são levadas em conta pelos operadores do passado no ofício de escrita da história.

O estudo mostrou ainda que é possível vislumbrar perspectivas entendidas como dimensões variáveis da presença africana em seu continente originário e seus rizomas e reinvenções em outros lugares.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No Seu Pescoço**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AGUALUSA, José Eduardo. **A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo**. Quetzal: Lisboa, Portugal, 1998.

_____. **Nação Crioula**: a correspondência secreta de Fradique Mendes. 3 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMADEO, Javier; GONZALEZ, Sabrina (Org.). **A teoria marxista hoje**: problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

COUTO, Mia. **Veneno de Deus, remédio do diabo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Mulheres de Cinza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FANON, Franz. 1979. Os condenados da terra. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

GYASI, Yaa. **O caminho de casa**. São Paulo: Rocco, 2017.

HALEY, Alex. **Raízes**: a saga de uma família americana. Trad. A.B Pinheiro Lemes. 5 ed. Record: São Paulo, 1976.

MAGALHÃES, Mário. **Mariguella, o guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIMA, Marcos Antonio Martins; MARINELLI, Marcos. **A epistemologia de Gaston Bachelard**: uma ruptura com as filosofias do imobilismo. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis. V. 45. N. 2 P. 393-406. Out. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/2178-4582.2011v45n2p393/22358>. Acesso em: 01/12/2019.

OKORAFOR, **Quem teme a morte**. Geração editorial: São Paulo, 2014.

SANTOS, José Benedito dos. **Mia Couto: Mito e História em a Confissão da Leoa** Revista Decifrar: Uma Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa da UFAM (ISSN 2318-2229) Manaus, Vol. 02, Nº 03 (Jan/Jun-2014) 175.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 01/12/2019.

TEODORO, Rodrigo da Silva. **O trato dos viventes de Luiz Felipe de Alencastro**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 14, n. 1 (24), p. 187-192, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/590/09-Nota2.pdf>. Acesso em: 01/12/2019.

TOM Zé. **Unimultiplicidade**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12643/tom-ze>>. Acesso em: 06 de Dez. 2019.

VISENTINE, Paulo; RIBEIRO, Luiz Dário Teirxeira; PEREIRA, Analúcia Danilevics. **História da África e dos Africanos**. São Paulo: Vozes, 2013 2012. (Centro de Estudos Africanos)